

DIVINIDADES INDIGENAS NA INSCRIÇÃO DE LAMAS DE MOLEDO (CASTRO DAIRE-PORTUGAL)

João L. Inés Vaz

1. Historiografia da inscrição de Lamas de Moledo

E considerável a bibliografia sobre a inscrição de Lamas de Moledo. Comun a toda essa vasta bibliografia é o seu carácter conjectural.

A referência mais antiga que se conhece é do séc XVII. E seu autor o historiógrafo beirao Manuel Botelho Ribeiro Pereira. Num manuscrito que permaneceu inédito durante vários séculos, diz que no penedo escrito de Lamas de Moledo se faz a enumeração dos municípios¹. Das cidades indicadas, a mais importante seja a de Lamego, que identifica com Lamaticom. Apesar de a sua leitura não ser exacta aqui se transcreve:

RUFINUS ET
TIRO SCRIP
SERUNT
VIE ANIMICO RI
DENTI
ANCO. M. + LAMATICO
C. RO. V. C. EA LMAGA
RE AI COI. PETRAVIO. LI
ADOM. PORCOMIO. EA. I.
CAELOBRICO. I.

No séc passado, o cónego viseense José de Oliveira Berardo, em memória enviada á Academia das Ciências de Lisboa², em 1857, interpretava a inscrição como sendo a indicação dos limites da diocese de

Caliabria, cidade-capital de diocese que teria existido nos primeiros tempos do cristianismo peninsular e atribuía-a ao séc VII d. C. Faz a seguinte leitura:

RFNET
TRROSCP
SFRNT.
VEAMNICORI
DOENTI
ANC. OM
LAMATICO, M
CROUGEAIMAC, A
REAICOI. PTRNIOIT
ADOM. PORCOMIOVEA
CAELOBRICOI.

Ainda no mesmo século, Hubner refere-se por duas vezes a esta inscrição, concluindo: «*Apparet haec initio excepto non latina esse, sed lingua eius regionis, propria scripta, quam ignoramus*». Não tendo nunca visto a inscrição, faz a seguinte leitura: *Rufinus et Tiro scripserunt: veaminicori / doenti / anugom / lamaticom / crouceaimaca / reaicoi petravio et / adom. porcomioveas / caelobrico*³.

Só no nosso século, com a renovação da mentalidade arqueológica e a confirmação da epigrafia como ciência autónoma começou a ser analisada linguisticamente a inscrição, deixando-se de lado as interpretações fantasiosas e infundamentadas. Excepção a esta ideia foi o arquitecto Rogério de Azevedo que viu na inscrição de Lamas a música e um hino

¹ M. BOTELHO RIBEIRO PEREIRA, *Diálogos Morais e Politicos*, edição da Junta Distrital de Viseu, Viseu, 1955.

² J. DE OLIVEIRA BERARDO, «Memórias sobre algumas inscrições encontradas no distrito de Viseu», *História e Memórias da Academia Real das Ciências*, tomo II, Lisboa, 1857.

³ Refere-se à inscrição em *CIL II* 416 e novamente na pág. 695, em aditamento e correcção à leitura anterior. Em 1871 volta novamente a esta inscrição, considerando-a como consagrada a Proserpina e outras divindades indígenas. Ver *Noticias Archeologicas de Portugal*, Lisboa, 1871, pág. 65.

lusitano escrito em caracteres gregos. Porque não tem qualquer consistência esta interpretação, não nos voltaremos a referir a ela⁴.

Em 1933, H. Balmori publica um estudo exaustivo da inscrição⁵. Nesse artigo, Balmori escarpaliza palavra por palavra, e por vezes letra por letra a inscrição e acaba por fazer uma leitura que consideramos quase correcta. Já a interpretação e tradução que nos dá, é de todo insustentável, á luz das ideias que exporemos a seguir⁶.

Antonio Tovar preocupou-se profundamente com a linguística pre-romana. Uma das suas bases para afirmar a existencia de uma Hispânia indo-europeia na qual é difícil definir linguas próprias pela inexistência de um alfabeto próprio, é a inscrição de Lamas de Moledo. Nunca lhe dedicou nenhum estudo específico, mas refere-se a ela em várias ocasiões. E, baseando-se nas inscrições lusitanas conhecidas (Lamas de Moledo, Arroyo de Cáceres e Cabeço de Fráguas), conclui pela existência de «uma região linguística que podemos chamar lusitana»⁷. Estaremos, pois, segundo Tovar, face a um dialecto indo-europeu que tem como mais característico certos ditongos e algumas palavras como *doenti*, *porcom* e *taurom*.

Acertadamente andou Maria de Lourdes Albertos ao incluir *Crougeai* e *Ioveai* entre as divindades relacionadas com tribos, gentilidades ou centúrias⁸. Baseou-se para isso na semelhança entre as inscrições de Lamas e do Cabeço de Fráguas, onde «alternabam la ofrenda em acusativo y la divinidad em dativo»⁹ e, conclui, na de Lamas passar-se-ia algo de semelhante. E tinha razão, como iremos ver.

⁴ R. DE AZEVEDO, «A inscrição de Lamas de Moledo (Castro Daire)-Documento musical único na Europa (Elementos para a sua interpretação)», *Beira Alta*, XII, 1 e 2, 1954.

⁵ H. BALMORI, «Sobre la inscripción bilingüe de Lamas de Moledo», *Emerita*, 3, 1933.

⁶ E a seguinte a tradução que ele faz da inscrição: «Rufino e Tirón lo escribieron: los (pueblos) Veaminios dan los »campos del otero« (o del peñasco) de los valles de los Lamas (o de Lama) al jefe principal de los Rados, Petranio, de la tribu de los Porcos, hijo de Iovia (o de Iova). Los Celobrigenses (garantizaron este acto).

⁷ A. TOVAR, «L'inscription du Cabeço de Fráguas et la langue des lusitaniens», *Etudes Celtiques*, XI, 1967.

⁸ M. L. ALBERTOS FIRMAT, *Organizaciones suprafamiliares en la Hispania Antigua*, Valladolid, 1975, pág. 58.

⁹ E a ideia que nos exprimiu em carta pessoal que nos enviou em 22 de Janeiro de 1985.

2. A ara da Freixiosa (Mangualde)

Em 1984 publicámos uma ara proveniente da Freixiosa e que se revelou da maior importancia para a interpretação da inscrição do penedo de Lamas de Moledo¹⁰. Em bom estado geral de conservação foram-lhe as letras reavivadas em momento que desconhecemos. E o seguinte o texto da inscrição:

CROVG
AENILAI (vel ANILAI)
CVICLE
MENTI
NVS. CEL
A.L.V.S.

Esta ara é, pois um ex-voto oferecido a *Crouga Nilai* por um romano ou um indigena romanizado, *Clementinus*, terminando a inscrição com a fórmula final tradicional. Mais uma vez temos aqui a convivência entre os deuses indigenas e o formulário romano.

3. A inscrição de Lama de Moledo

3.1. Leitura

Apesar dos muitos nexos existentes, nenhum dos estudioso que se ocuparam da inscrição teve qualquer problema na leitura das três primeiras linhas: RVFINVS ET / TIRO / SCRIP / SERUNT.

Nas 1. 4 e 5 há o nexos MIN que passou despercebido a alguns, mas não oferece problemas: VEA-MINICORI / DOENTI.

As divergências de leitura têm-se verificado sobretudo a partir da 1. 6. Nesta, lemos sem hesitar ANC. OM. Balmori leu ANGOM, mas no entanto, onde ele viu um *O* está efectivamente um ponto. A linha seguinte (1. 7), é, sem dúvida, LAMATICOM.

L. 8: Balmori e Gómez Moreno leram CROUCEAI MAGA. Onde eles puseram o *C* nós pomos a gutural *G* e portanto lemos CROUGEAIMAGA.

L. 9: Gómez Moreno e Balmori põem a gutural onde nós lemos *C* e desdobram o nexos existente em *AV* lendo, portanto, PETRANIOI.

M^a. de Lourdes Albertos desdobra o nexos em *AV*, lendo PETRAVIOI.

Na publicação desta inscrição que há pouco tempo fizemos, seguimos a última interpretação, não

¹⁰ J. L. INES VAZ, «Crouga -uma divindade indigena», *Beira Alta*, XLIII, 1984, págs. 557-562.

excluindo, no entanto, a hipótese de Balmori e Gómez Moreno¹¹.

Assinale-se ainda um ponto a meio da linha e uma letra a seguir a Petravioi que será *R*, contrariamente a G. Moreno que leu *T*. Assim, teremos na l. 9: REAICOI PETRAVIOI R.

L. 10: Apenas surge alguma dúvida no último símbolo da linha, assinalando G. Moreno um *T*, Balmori um *S* e Lourdes Albertos, com interrogação, um *I*. Vemos lá antes um ponto. Moreno não assinalou o ponto entre o *C* e o *O* que, tal como o da linha 6 se situa no fundo da linha. Assim esta linha deverá ler-se: ADOM PORC. OMIOVEA.

L. 11: Não levanta qualquer dúvida de leitura a nenhum epigrafista: CAELOBRICOI.

Face às observações feitas, a inscrição deverá ler-se:

RVFINVS ET
TIRO SRIP
SERVNT
VEAMINICOLI
DOENTI
ANC. OM
LAMATICOM
CROVGEAIMAGA
REAICOI. PETRAVIOI R
ADOM PORC. OM IOVEA.
CAELOBRICOI

3.2. Interpretação

Se na leitura, as divergências não são muitas, já na interpretação elas são acentuadas, consideramos, no entanto este assunto suficientemente exposto na primeira parte. Pelo nosso lado não temos qualquer dúvida em considerar a inscrição de Lamas de Moledo como votiva, face à sua comparação com a ara da Freixiosa. Com efeito, parece mais que certo que CROUGEAI do monumento de Lamas equivale a CROUGAE da ara da Freixiosa, indicando-se mesmo um processo evolutivo. O *i* final de *Crougeai* de Lamas deu *e* na ara da Freixiosa. Esta evolução não é rara nas línguas e dialectos de origem indoeuropeia, como seria aquele em que estas aras se incluem¹². A outra divindade presente na ara de Lamas de Moledo, passaremos a designar desta maneira o penedo de Lamas, seria IOVEA, protectora dos *Caelobricoi*.

¹¹ A. CORREIA, A. ALVES e L. J. L. INES VAZ, *Castro Daire*, edição da Câmara Municipal, 1986.

¹² F. ADRADOS, *Linguística indoeuropeia*, ed. Gredos, Madrid, 1975.

Do carácter das duas divindades nada podemos por enquanto dizer. A segunda, *Iovea* poderemos talvez relacioná-la com o nome do pai dos deuses no panteão romano, Júpiter que no dativo dá IOVI. Assim, interrogamo-nos: será *Iovea* o nome de Júpiter em dialecto indígena ou a única relação entre as duas palavras seá a sua origem etimológica comum? Um dado nos parece certo: estas divindades seriam importantes no panteão indígena, pois são protectoras de etnias e o culto de *Crouga* estende-se por uma região bastante extensa.

As etnias protegidas seriam os *Magareaicoi* para *Crouga*, em Lamas de Moledo e os *Nilaicui* na Freixiosa e para *Iovea* os *Caelobricoi*. Nada sabemos destas etnias da Lusitânia central. Temos apenas a recordação toponímica dos *Magareaicoi* e dos *Caelobricoi* respectivamente no Castro da Maga, situado no morro fronteiro a Lamas de Moledo e na povoação de Cela, também vizinha de Lamas.

Outra questão essencialmente linguística que estes nomes levantam é o dativo em *ai*, *ui*, e *oi*. Já A. Tovar aponta como uma das tipicidades deste dialecto lusitano a existência destes ditongos. E isto não é raro acontecer nesta região linguística. Os nomes de tema em *Q* aparecem, por ex. em Viseu e em Pinheiro de Tavares, povoação próxima da Freixiosa¹³. Ora estes nomes iriam formar o dativo em *oi* e é o que sucede com os etnónimos *Magareaicos* *Magareaicoi* e *Caelobricos* *Caelobricoi*. Na ara da Freixiosa já o dativo é em *ui*, de que também há exemplos. E o caso de várias divindades como *Bandei Briaelaicui* e *Reva Langaniadaegui*, em Orjais (Covilha) e Idanha-a-Vella¹⁴.

Outro aspecto interessante quel se deverá assinalar, más que também não deverá surpreender é o tema em *a* no nome das duas divindades. Com efeito bastará comparar com o que sucede nas divindades do grupo *Band*, para concluirmos que não é caso isolado, antes pelo contrário. Ainda recentemente descobrimos relativamente próximos destas povoações

¹³ E o caso dos nomes *Longino* e *Caino*. Ver J. L. INES VAZ, *Introdução ao estudo de Viseu na época romana*, e L. F. COUTINHO, L. GOMES e A. M. M. TAVARES, *Inscrições romanas do Concelho de Mangualde*, separata de *Ficheiro Epigráfico*. XII, 1985. Será de atentar ainda que na «anomalia» onomástica, *Triteus*, em vez de *Tritius*. Ora, parece-nos que mais do que uma anomalia se tratará antes de um nome que se deverá integrar na língua aqui falada.

¹⁴ J. DE ENCARNAÇÃO, *Divindades indígenas sob o domínio romano em Portugal*, Lisboa, 1974, e J. LEITE DE VASCONCELOS, *Religões da Lusitânia*, vol. II, pág. 323.

uma outa divindade de tema em *a*¹⁵. Não se trata, pois, também aqui de qualquer anomalia ou de fuga às regras da evolução deste dialecto indo-europeu.

Seguros de que o penedo escrito de Lamas de Moledo é uma ara e identificadas as divindades, resta-nos ver os povos ofertantes e as dádivas feitas. Os povos serão dois: os *Veaminicori* e os *Petravioi*. Os primeiros facem as suas ofertas a Crouga e os segundos a Lovea. O nomen dos dois povos estará em nominativo de plural a concordar com o verbo *doenti*, equivalente a o latino *dant*. A raiz *Pet-* de *Petravioi* encontra-se em antropónimos indígenas¹⁶ e mesmo em Lamas de Moledo no nome *Petobi*¹⁷.

As ofertas feitas aparecem-nos em acusativo indo-europeu e estão indicadas pelas palavras terminadas em *om*. Assim, os *Veaminicori* oferecem *Ancom lamaticom* e os *Petravioi* sacrificam *Radom porcom*. A única palavra que parece perceber-se nestas oferendas é *porcom*, acusativo de *porkos*¹⁸. Partindo da identificação de *porcom* com o nosso porco, parece que será legítimo concluir-se que também as restantes palavras identificarão animais. Ou será que os animais são as palavras *porcom* e *lamaticom* e *ancom* e *radom* são adjectivos qualificativos? Assim as ofertas em acusativo alternam com os nomes das divindades, como suspeitara M.L. Albertos.

Dos povos a que pertenceriam as tribos indicadas nos epítetos divinos pouco podemos dizer. Ptolomeu fala de uma cidade *Caelobriga* que pertencia a os *Coilarnos*¹⁹. Ora, os *Coilarnos* estão hoje localizados no concelho de Armamar, estendendo-se o seu território muito provavelmente para ocidente e sul deste concelho, com capital em Cárquere (Resende)²⁰. Parece pois ter que concluir-se pela inclusão de Caelo-

briga nos *Coilarnos*. E onde ficaria situada esta cidade? Poderia ser no próprio lugar de Lamas ou num lugar a ocidente deste pois que o culto de Crouga se estende para sul, pertencendo os *Magareaicoi* e os *Nilaicui* a um outro povo que se situaria a sul e que poderia muito bem ser os *Interannienses*, com capital em Viseu²¹. Isto poderá explicar porque é que de Castro Daire há uma via romana que se dirige para Nordeste em direcção a Cárquere, depois de passar junto ao Mezio e também porque é que a viação romana da metade oriental do concelho de Castro Daire se orienta no sentido do sul, para Viseu²².

Parece também legítimo concluir-se que os *Petravioi* estariam sujeitos à cidade de Caelobriga e daí o sacrifício à sua divindade protectora.

Não nos referiremos até agora às três primeiras linhas do texto da inscrição de Lamas de Moledo. Na leitura não levantam problema, mas podem surgir dúvidas na interpretação do verbo *scripserunt*. Tomando literalmente a palavra latina não ficamos com sentido para a frase, mas se interpretarmos antes o verbo *scribo* por determinar aí surge-nos uma frase plena de sentido: «*Rufino e Tiro determinaram (que se fizesse um sacrificio)*», aparecendo em seguida explicitados os objectos sacrificados. E curioso verificar que também em Arroyo de Cáceres aparece o verbo *scribo*, mas aqui na primeira pessoa do singular do pretérito perfeito simples. Em Cabeço de Fráguas, pelo contrário não surge verbo, tal como não aparecem outras palavras latinas. Significará isto uma maior antiguidade?

Qual será, pois a cronologia da inscrição de Lamas? Balmori e Gómez Moreno atiram-na para o séc II d. C. e Tovar não contradiz tal hipótese. No entanto, como ele próprio acrescenta «é aos arqueólogos que estudando os vestígios anexos (altares anepígrafos, etc.) que se remete a palavra»²³. Em Lamas, os poucos vestígios arqueológicos aparecidos nunca foram alvo de qualquer estudo. Apesar disso pensamos também que a ara de Lamas será do séc. II ou mesmo III d. C. E não será de surpreender que o dialecto lusitano permaneça por tanto tempo, pois o orgulho do povo lusitano era

¹⁵ Trata-se de uma nova divindade chamada *Besencla* por nós identificada em Canas de Senhorim (Concelho de Nelas), na mesma área linguística. O estudo desta inscrição e de outros monumentos epigráficos da zona aguarda neste momento publicação na revista *Portugália*.

¹⁶ M. L. ALBERTOS FIRMAT, *La onomástica personal primitiva de Hispania*.

¹⁷ F. CURADO, «Epigrafia das Beiras (notas e correcções-1)», *Beira Alta*, XLIV, 4, 1985.

¹⁸ F. ADRADOS, op. cit., pág. 252.

¹⁹ PTOLOMEU, 2, 6, 42, citado por HUBNER in C.I.L. II, pág. 695.

²⁰ Cf., do autor, Epigraphia romana da Beira-Douro. Algumas notas, comunicação ao *I Congresso Internacional sobre o rio Douro*, Gaia, 1986 (a sair nas Actas do Congresso).

²¹ Acerca da localização dos *Interamnienses*, cf. F. CURADO, «A propósito de «Conimbriga» e «Conimbriga», comunicação ao *I Congresso Internacional sobre o rio Douro*. Também o Prof. Doutor Jorge Alarcão, em contactos pessoais, se nos tem manifestado inclinado para esta hipótese.

²² *Castro Daire*, op. cit., págs. 113-115.

²³ A. TOVAR, op. cit., pág. 244.

muito grande e ainda no ano 25 a. C. os aldeãos continuavam a usar o idioma pátrio²⁴. Uns anos antes, Cícero falava das línguas hispânicas como algo vivo e geral²⁵. Se os idiomas resistiram muito, também os sentimentos religiosos resistiram e nas inscrições de Lamas, Cabeço de Fráguas e Arroyo de Cáceres misturam-se a resistência religiosa e a linguística.

Analisada na totalidade a inscrição façamos a tradução: «*Rufino e Tiro determinaram (que os) Veaminicori oferecessem ancom lamaticom a Crougai (protectora dos) magareaicoi e os Petravioi radom porcom a Iovea (protectora dos) Caelobricoi*».

4. Conclusões

4.1. Trata-se, na ara de Lamas de um sacrifício colectivo oferecido a duas divindades por dois povos diferentes.

4.2. O sacrifício foi determinado ser oferecido por dois romanos por razões que desconhecemos.

4.3. Na toponímia actual conservam-se vestígios de vocábulos da inscrição.

4.4. Em relação ao aspecto linguístico trata-se de um dialecto indo-europeu que nada tem a ver com o celta.

4.5. A ara está escrita em latim e numa língua lusitana que desconhecemos.

²⁴ H. BALMORI, pág. 84, transcrevendo Tácito: «*Voce magna sermone patrio frustra se interogari clamitavit*».

²⁵ H. BALMORI, op. cit., pág. 84.